

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM: DISLEXIA O QUE É ISSO?¹

José Luis dos Santos Sousa
Especialista em Psicologia da Educação
Secretaria Municipal de Educação-Grajaú/MA
Neusani Oliveira Ives Félix
Mestre em Educação
Universidade Federal do Maranhão

RESUMO

O presente artigo que tem como tema dificuldade de aprendizagem: dislexia o que é isso? Buscou conceituar, analisar e discutir fenômenos acerca da dislexia. Para a sua construção e para alcançar seus objetivos utilizou-se de uma pesquisa bibliográfica em que buscou embasamento teórico em grandes autores que trabalha a temática. Alcançou-se resultados satisfatórios, resultados esses que serviram para despertar mais a curiosidade sobre o tema e ir à busca de novas pesquisas na área. Diante do que foi estudado constatou que a dislexia precisa ser tratada de forma séria e que todos precisam se despertar para uma busca em prol de amenizar os prejuízos causados pela dislexia.

PALAVRAS-CHAVE: Dificuldade de aprendizagem. Dislexia. Professor.

1 INTRODUÇÃO

Quando pais, professores, psicopedagogos ou psicólogos deparam-se com alguma pessoa com dificuldade de aprendizagem, muitas vezes surge uma questão crucial: “E agora: o que fazer”?

O presente trabalho que tem como tema dislexia, visou conceituar, discutir e analisar os aspectos que caracterizam a dislexia, compreender os fatores que influenciam no processo de ensino e aprendizagem. Para isso foi realizado um levantamento bibliográfico acerca da temática, procurando também, sugestões para amenizar as dificuldades de leitura, afim de que a criança tenha um melhor desenvolvimento em sua aprendizagem.

Para realização deste trabalho foi feita uma pesquisa bibliográfica em que se fundamentou em estudos desenvolvidos por grandes autores da área tais como Lakomy (2008), Rotta e Pedrosa (2006), Coelho (2013) entre outros. Uma vez que o desígnio da pesquisa bibliográfica é de conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema, tornando-se um instrumento indispensável para qualquer tipo de pesquisa.

Primeiramente o estudo se deu nos documentos oficiais para ter uma ideia do que a legislação fala acerca do assunto. Logo em seguida buscou conhecer as ideias e conceitos de autores

¹ Trabalho apresentado ao curso de especialização em Psicologia da Educação da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA.

de renome na área em estudo para que daí em diante fossem traçados os caminhos que se ia percorrer no trabalho.

O autor Luna (1996, p. 36), “se reporta que a pesquisa com esse diferencial deve ser relevante social e teoricamente, além de ser fidedigno, o que significa que podemos confiar nos resultados do pesquisador”.

Conforme Zamboni (2006, p. 47), “a maneira de ver e perceber o objeto está relacionada ao paradigma que, o indivíduo se propõe a vivenciar, essas observações estão intimamente relacionadas ao grau de experiências e leituras do pesquisador”.

A escolha do presente tema se deu devido ao grande número de alunos que apresenta alguma dificuldade de aprendizagem, com isso pretendeu estudar tais dificuldades, em especial dislexia. O questionamento que foi proposto: Como trabalhar com o aluno disléxico?

Por fim faz-se uma conclusão abordando o que se alcançou com o estudo. Cabe ressaltar que a pesquisa é um documento que instiga a buscar mais conhecimento sobre o tema em questão.

2 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E DISTÚRBIOS FUNCIONAIS ESPECÍFICOS

Antes de definir dificuldade de aprendizagem é pertinente definir primeiramente o que vem a ser aprendizagem. Para o entendimento da aprendizagem segundo os estudos de Vygotsky, será utilizada a definição dada por Oliveira (1993, p. 57), sendo esta “o processo pelo qual o sujeito adquire informações, habilidades, atitudes, valores e etc. a partir do seu contato com a realidade, o meio ambiente e as outras pessoas”.

De acordo com as ideias de Skinner (2005, p. 62), pode-se dizer que aprendizagem é uma mudança na probabilidade da resposta, devendo especificar as condições sob as quais ela acontece. É importante salientar que o mesmo autor garante ainda que a execução de um comportamento é essencial mas não é isso que afirma a existência de uma aprendizagem.

Para Lakomy (2008, p. 37) “o conceito de aprendizagem envolve diversos fatores e processos que garantem as mudanças permanentes de comportamento do indivíduo”. Diante da definição dos autores pode-se perceber o que vem a ser aprendizagem e como ela se processa no ser humano.

A dificuldade de aprendizagem, também denominada por alguns autores como: problema de aprendizagem, distúrbio, transtorno de aprendizagem ou ainda fracasso escolar. Com tudo ficam os seguintes questionamentos: Todos estes termos são pertinentes? Qual o significado de cada um deles? Há diferenças entre os termos ou são sinônimos?

Percebe-se um grande número de alunos com algum tipo de dificuldade aprendizagem entre elas podemos citar: discalculia, dislexia, disfasia, dislalia, disgrafia, desortografia, Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade -TDAH entre outros.

A terminologia adotada segundo o documento elaborado pelo grupo de trabalho nomeado pela portaria nº 555/2007, prorrogada pela Portaria nº 948/2007, entregue ao ministério da Educação em 07 de janeiro de 2008, intitulado Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, é Transtornos Funcionais Específicos (BRASIL, 2008).

2.1 Classificação da dislexia e entendendo o cérebro do dislético

Rotta e Pedroso (2006, p. 57) lembram que há várias formas de classificação da dislexia, pois há cada uma obedece ao modelo de teste utilizado, seja ele com bases fonoaudiológica, pedagógica ou psicológica. Porém, dentro das possíveis etiologias, os autores destacam as causas genéticas, adquiridas e multifatoriais.

Basicamente, os autores apresentam dois tipos de dislexia: a adquirida e a de desenvolvimento. A primeira é um distúrbio adquirido que ocorre (geralmente em adultos) devido a uma lesão cerebral; na segunda, as perturbações na leitura e na escrita manifestam-se desde a infância (CUBEROS et al, 1997, p.121).

Há evidências de causa genética e hereditária, pois geralmente filhos e filhas de pessoas com dislexia tem histórico de dificuldades no desenvolvimento, em áreas como da percepção, aquisição da linguagem e produção da fala, este grupo é chamado pela ABD (2014) de crianças de risco.

Em relação às desordens do foro neurológico, no ponto de vista de Antunes (2009, p. 51), a dislexia resulta de uma disfunção cerebral, natureza neurológica da qual está relacionada com “(...) fios cruzados que não levam as letras aos sítios do cérebro onde estão os sons das palavras”.

As causas adquiridas são provenientes de malformações ou mau desenvolvimento do sistema nervoso central, problemas perinatais, lesões ou danos ao sistema nervoso central pós-natais, privação, problemas educacionais (ROTTA; PEDROSO, 2006).

Na área da genética, há quem defenda tratar-se de um problema hereditário, alicerçando a sua opinião em estudos que revelam que os disléxicos têm, pelo menos, um familiar próximo com dificuldades na aprendizagem da leitura e da escrita: 30% a 40% dos irmãos de crianças disléxicas poderão apresentar a mesma perturbação e uma criança cujo progenitor seja dislético apresenta um risco oito vezes superior de manifestar esta problemática (MOURA, 2011).

Ainda nesta perspectiva, outros investigadores mencionam as mutações de alguns cromossomas como causa desta perturbação, nomeadamente nos cromossomas 6 e 15 (SALLES et al, 2004) e, mais recentemente, no cromossoma 2 (CRUZ, 2009).

Mas quais as áreas específicas no cérebro que são afetadas no indivíduo disléxico? Estudos de Shaywitz (2003; Shaywitz et al, 1998) identificaram três regiões que desempenham funções chave no processo de leitura, todas elas localizadas no lado esquerdo do cérebro, aquele que é tradicionalmente associado à linguagem.

Nesta zona foram identificadas três subáreas distintas: a região inferior frontal, a área de Broca (girus frontal inferior), envolvida na vocalização e articulação das palavras; a região parieto – temporal e a região occipito – temporal, que estão localizadas na parte de trás do cérebro e estão, respetivamente, envolvidas na análise das palavras e na fluência e automatização da leitura.

2.2 O professor e o trabalho com o aluno disléxico

Como trabalhar com o aluno disléxico? Quando surge um aluno com algum tipo de dificuldade percebem-se certas dúvidas de como atender o mesmo. Como lidar com diferentes formas de dificuldades que surge no ambiente escolar?

Bem para essa pergunta não há uma resposta única, nem mesmo uma receita a ser seguida, o que tem a dizer são estratégias que pode serem usadas para amenizar tais dificuldades. Quanto à forma de intervenção é necessário o acompanhamento de uma equipe multidisciplinar que possa facilitar o tratamento do aluno disléxico, entre os profissionais da equipe está psicólogos, psicopedagogos, assistente social entre outros.

Para detectar possíveis indicadores da dislexia na sala de aula, os professores devem ser observadores atentos e ter noção do modo como os alunos desenvolvem as competências da leitura e escrita (LOPES, 2001; FERREIRA, 2008).

Na escola deverão ser propostas atividades direcionadas, que ajudem o aluno com dislexia a superar suas dificuldades a partir de materiais que auxiliem a leitura, orientação no uso de corretores ortográficos, aprendizagem estruturada e cumulativa, aprendizagem com foco multissensorial, uso de atividades que estimulem a atenção e concentração, foco na fusão fonêmica, silábica, na segmentação simbólica e na segmentação fonêmica (WAJNSZTEIN; LOPES, 2010).

O professor deve colocar o aluno perto de sua mesa e da lousa, já que ele se distrai com frequência devido a sua dificuldade, deve discretamente verificar se o aluno está conseguindo assimilar o conteúdo e se suas anotações estão corretas. Estimular o diálogo com o aluno com o intuito de ganhar a confiança do mesmo e conseqüentemente transmitir segurança.

Contudo, deve ter presente que a intervenção deve ser gradual, ou seja, o plano definido deverá começar por objetivos simples de alcançar e, progressivamente, incrementar o grau de dificuldade. Só deverá avançar-se para um nível de complexidade superior depois de se ter garantido que a criança atingiu os patamares prévios (COELHO, 2013).

A escola deve proporcionar atividades palestra, debates entre outros meios a fim de conscientizar a comunidade acerca do assunto. Outro ponto importante que se deve assegurar é a comunicação com os profissionais que atende o aluno com dislexia, com isso saber quais áreas são mais comprometidas para que com isso possam ser trabalhadas.

3 CONCLUSÃO

Ao realizar o estudo pretendeu conceituar dislexia, as causas, classificação bem como estratégias que o professor pode utilizar para trabalhar com o aluno disléxico, estratégias essas que vão desde uma simples conversa, a mudanças no currículo, no plano de aula, no tempo reservado ao aluno com dificuldade, na comunicação com a equipe multifuncional entre outras maneiras de se trabalhar com esse público.

Ao trabalhar com o aluno disléxico o professor deve ter uma flexibilidade para atender as suas reais necessidades e ao meu tempo ajudar a superar suas limitações. Os objetivos propostos pela pesquisa alcançaram resultados satisfatórios no que foi estabelecido. Diante da pesquisa pode-se perceber que a dislexia é um tema que a cada dia novos autores buscam informação acerca de tal dificuldade, percebe-se também que ainda precisa de um consenso entre os teóricos da área.

O trabalho abre um leque de oportunidades para estudos em torno da temática, deixando claro que o tema da pesquisa é muito complexo e precisa mais trabalhos que possam detalhar outras partes da dislexia. Com isso conclui-se que a dislexia é uma dificuldade de aprendizagem que merece a atenção de professores, de pais e da comunidade de modo geral, devido sua marcante presença em muitos indivíduos.

REFERÊNCIAS

ABD. **Associação Brasileira de Dislexia**. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br/>>. Acesso em: 28 de março de 2016.

ANTUNES, N. L. (2009). **Mal-entendidos** – da Hiperactividade à Síndrome de Asperger, da Dislexia às Perturbações do Sono. As respostas que procura. Verso de Kapa.

BRASIL. **Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva**. Brasília: MEC, 2008.

COELHO, T.D. **Dificuldades de aprendizagem específicas – Dislexia, Disgrafia, Disortografia e Discalculia.** Porto: Areal Editores, 2013.

CRUZ, V. **Dificuldades de Aprendizagem Específicas.** 1.ª Edição. Lisboa: Lidel, 2009.

CUBEROS, M.; GARRIDO, A., & RIVAS, A. **Necessidades Educativas Especiais.** Dinalivro, 1997.

FERREIRA, I. M. C. **Dificuldades Específicas de Aprendizagem, Dislexia** (Dissertação de Pós graduação não publicada). Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Porto, Portugal, 2008.

LAKOMY, A. M. **Teorias cognitivas da aprendizagem.** 2 ed. rev. e atual. Curitiba: Ibpx, 2008.

LOPES, M. C. S. **Dificuldades Específicas na Leitura e na Escrita: A Dislexia.** Separata da Revista Sonhar. Edições APPACDM Distrital de Braga. Braga, 2001.

LUNA, S. V. de. **Planejamento de pesquisa:** uma introdução. São Paulo: Educ, 1996.

MOURA, O. (2011). **Portal da Dislexia.** Disponível em: <http://www.dislexia.pt>. Acesso em 25 de março de 2016.

OLIVEIRA, M. K. de. **Vygotsky.** São Paulo: Scipione, 1993.

ROTTA, N. T.; PEDROSO, F. S. Transtorno da linguagem escrita-dislexia. In: ROTTA, N. T. et al. **Transtornos da aprendizagem:** abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SALLES, J. F.; PARENTE, M.A.M.P& MACHADO, S.S. **As dislexias de desenvolvimento:** aspectos neopsicológicos e cognitivos. Brasília: *Interações*, vol.IX, 17,109-132. 2004

SHAYWITZ, S. **Overcaming Dyslexia: A New and Complete Science – Based Program for Overcaming Reading Problems at Any Level.** Knopf, 2003.

SKINNER, B. F. Teorias de aprendizagem são necessárias? **Revista Brasileira de Análise do Comportamento.** Vol. 1, nº1, 2005.

WAJNSZTEIN, A. B. C; LOPES, M. B. R. Dislexia. In: VALLE, Luiza Elena L. Ribeiro do [et al.]. **Aprendizagem na Atualidade:** Neuropsicologia e desenvolvimento na inclusão. Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2010.

ZAMBONI, S. **A pesquisa em arte:** um paralelo entre arte e ciência. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.